

**NELSON RODRIGUES LEITOR DE GILBERTO FREYRE:
APROXIMAÇÕES ENTRE *CASA-GRANDE & SENZALA*, *SOBRADOS E
MUCAMBOS* E A DRAMATURGIA DE NELSON RODRIGUES**

Henrique Buarque de Gusmão (UFRJ)

GT: Teatro Brasileiro

Palavras-chave: Nelson Rodrigues, Gilberto Freyre, civilização

Em *Casa-grande & senzala*, Gilberto Freyre faz um detalhado retrato do ambiente da casa-grande colonial e aponta, em diversos momentos, para a idéia de que o sucesso da ocupação da colônia portuguesa na América foi possível graças à mobilidade, à miscibilidade e à aclimatabilidade dos portugueses em contato com índios e africanos, gerando uma grande miscigenação de povos e culturas. Esse elogio da miscigenação, entretanto, não exclui de sua obra a análise do “gigantesco grau de violência inerente ao sistema escravocrata” (Benzaquen de Araújo, 1994, p.45), como propõe Ricardo Benzaquen de Araújo em seu livro *Guerra e Paz, Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Benzaquen identifica, no ambiente social da casa-grande criado por Freyre, uma tensão entre flexibilização e violência entre culturas, relacionada a uma característica que marcaria essa realidade: a *hybris*¹. A casa-grande freyreana seria caracterizada por um ambiente de excessos, principalmente sexuais, que aproximam o português da negra e da índia e que gera um “clima extremamente *orgiástico*” (Idem, Ibidem, p. 63), um ambiente de “culto à obscenidade” (Idem, Ibidem, p. 68). Monta-se na casa-grande colonial um clima marcado pela excessiva violência do senhor, por sua preguiça, mas altamente sexualizado, onde senhores se relacionam com escravas, meninos com cabras e até mesmo o incesto pode ser encontrado.

Analisando a obra seguinte de Gilberto Freyre, *Sobrados e mucambos*, Benzaquen reconhece a análise de um determinado “projeto civilizador”², que ganha força no Brasil Imperial. A chegada da Corte traz novos hábitos, novas expressões culturais que entrarão em choque com o “clima quase delirante, assinalado pelos mais imoderados apetites, que definia a casa-grande.” (Idem, Ibidem, p. 59). Surgem, nesse novo momento, figuras ligadas a um “ideal de comedimento, de cultivo espiritual e de vida de gabinete.” (Idem, Ibidem, p. 121). Para Benzaquen, da mesma forma que os engenhos apresentavam exageros sexuais, os sobrados, agora, apresentariam um excesso de disciplina e de rigor no encaminhamento desse “processo civilizador”. A busca pela pureza é que se torna excessiva.

Há, então, uma interessante tensão na obra de Freyre tomada numa continuidade. Sempre marcada por excessos, as ordens sociais construídas nas duas obras citadas apresentam um choque no que diz respeito à oposição entre sexualidade violenta, onipresente, e civilização disciplinarizadora, castradora. Essa tensão poderia apresentar, entretanto, alguns escapes. Em *Sobrados e mucambos*, Freyre percebe no ambiente dos

mucambos “a humildade, a singeleza, a integração com a natureza, a naturalidade, a solidariedade” (Idem, Ibidem, p. 166) do ideal franciscano. O franciscanismo, ideal bastante importante para Freyre, é encontrado em sua obra como uma possibilidade de controlar as tensões e os excessos que marcariam o processo histórico brasileiro.

Nelson Rodrigues, além de leitor, foi um grande admirador de Gilberto Freyre e chegou a declarar o seguinte: “Se me perguntassem quais são os brasileiros mais inteligentes que conheço, eu responderia: – Gilberto Freyre, Gilberto Freyre e Gilberto Freyre.” (Rodrigues, 1997: 73). Tendo em vista essa relação, pode-se observar que a tensão encontrada nos livros de Gilberto Freyre, como apresentei, parece ressurgir nos textos de Nelson, em um outro ambiente social. Num cenário carioca urbano e suburbano, é possível perceber uma série de personagens atordoados pelo excesso sexual, pela força do desejo sexual. É curioso observar que esses personagens parecem remeter a um ambiente como o da casa-grande freyreana. Patrício, personagem de *Toda nudez será castigada*, relembra sua iniciação sexual com uma cabra como o início de uma vida marcada pelo constante desejo sexual. Edmundo, de *Álbum de família*, sonha com a possibilidade de viver num mundo em que só existisse sua família, onde todo o tipo de relação pudesse existir entre seus membros. Diversas prostitutas vivem em ambientes orgiásticos e altamente sexualizados, que encantam o imaginário de homens e mulheres.

Por outro lado, há uma série de personagens e situações em que a interdição e o controle à sexualidade impõem-se numa relação tensa com o impulso sexual: tias que cheiram as cuecas dos sobrinhos; impulsos sexuais reprimidos em direção à mãe, à irmã, ao pai; elogio à feiúra e ao enjôo diante de qualquer atitude sexual. No entanto, assim como Freyre, Nelson Rodrigues também encontra uma espécie de válvula de escape para essa tensão na qual seus personagens estão colocados. Em suas últimas peças, são apresentadas algumas situações em que o amor consegue dissolver a violenta oposição de uma sexualidade que, como em *Casa-grande & senzala*, “aproxima-se aparentemente da mais pura *animalidade*” (Benzaquen de Araújo, 1994: 63) e de uma sexualidade marcada pelos excessos de normatização.

É importante colocar, entretanto, que não se quer, nesta pesquisa, estabelecer uma oposição simplista entre civilização e desmedida sexual – *hybris*. Para fugir dessa armadilha, são buscados instrumentos teóricos que auxiliem a pensar essa oposição de uma maneira mais complexa. Cito dois exemplos. O primeiro é Jean Starobinski que, ao buscar a origem do termo civilização, depara-se com uma gênese conjunta da idéia de civilização e de “falsa civilização”. O próprio termo civilização já surge denotando, por um lado, a construção de hábitos polidos (na longa duração) que podem hierarquizar povos e culturas e, por outro lado, apontando para a idéia de decadência da civilização, de falsidade dos hábitos promovidos por esta. A segunda referência importante é Michel Foucault, que em *História da sexualidade I: a vontade de saber*, pensa a expressão da sexualidade e a sua normatização, disciplinarização, como processos que funcionam dentro de um mesmo dispositivo criado pela sociedade burguesa: o dispositivo da sexualidade – que cria diversos mecanismos de saber e poder, buscando “a verdade” sobre o sexo.

Sendo assim, a proposta de minha pesquisa consiste em analisar a apropriação, por parte de Rodrigues, de figuras, categorias e formas narrativas das obras de Freyre, seguindo as seguintes questões que apresento em três blocos, definidos segundo critérios conceituais:

1) A questão da *hybris*: quais as relações entre o ambiente altamente sexualizado construído por Gilberto Freyre em *Casa-grande & senzala* e os excessos sexuais presentes nos personagens de Nelson?

2) A questão da “civilização”: como é construída a relação entre o “processo civilizador” no Brasil e a promiscuidade dos engenhos coloniais em Gilberto Freyre? Como os excessos dos padrões de civilidade são construídos em Nelson Rodrigues?

3) A questão do conflito: como o conflito, sob a forma da tensão entre *hybris* e disciplina, e entre civilização e decadência, aparece nos dois autores? Que possibilidades de dissolução para a tensão aparecem nas respectivas obras?

Por fim, um último comentário sobre novas questões que ainda estão em elaboração na pesquisa. A crítica a padrões de civilidade importados e ao sufocamento de uma realidade marcada por excessos, pela sensualidade e pela violência que aparece nas duas obras pode ser relacionada, também, com um determinado discurso teatral que ganhou muita força na segunda metade do século XX. Antonin Artaud, Jerzy Grotowski, o Living Theatre e mesmo Constantin Stanislavski (morto no final dos anos 1930) pensam um teatro que resgata uma certa força perdida pela civilização, um homem que renasce através do teatro com todas as possibilidades que a civilização lhe sufocaria. Dessa forma, ficam como propostas estas últimas questões: a leitura e as apropriações que Nelson Rodrigues faz da obra de Gilberto Freyre podem estar relacionadas com esse discurso libertário de importantes nomes do teatro no século XX? Mesmo estando diretamente ligado a outras tradições e convenções teatrais, Nelson Rodrigues pode ser pensado, a partir das questões que expus neste trabalho, em conexão com o teatro de vanguarda da segunda metade do século XX? Como seu nome, a partir de sua leitura de Freyre e de seu entendimento do processo histórico brasileiro, pode-se ligar a nomes como Artaud, Grotowski e o grupo Living? Essas são perguntas que ficam para um amadurecimento futuro.

Notas

¹ Conceito apresentado, pelo autor, como excesso, desmedida, a partir de um determinado entendimento do conceito grego.

² Cf. BENZAQUEN DE ARAÚJO, Ricardo. *Guerra e Paz, Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. p. 108.

Bibliografia

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BENZAQUEN DE ARAÚJO, Ricardo. *Guerra e Paz, Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

ELIAS, Nobert. *O processo civilizador*. Vol. I: *Uma história dos costumes*; Vol. II: *Formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Vol. I: 1990 e Vol. II: 1993.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 2000c. (1.ed. 1936).

GROTOWSKI, Jerzy. *Em busca de um teatro pobre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

GUSMÃO, Henrique Buarque de. “*Só toca em mim casando!*”: *Reinvenções da moralidade burguesa na dramaturgia de Nelson Rodrigues (1941-1978)*. (Monografia em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo 1, 2, 3 e 4*. Organização e introdução de Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. *Flor de obsessão: as 1.000 melhores frases de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.